

# Conhecimento e Diversidade em Psicologia: Abordagens Teóricas e Empíricas

Rui Maia Diamantino  
(Organizador)



 **Atena**  
Editora

Ano 2019

# Conhecimento e Diversidade em Psicologia: Abordagens Teóricas e Empíricas

Rui Maia Diamantino  
(Organizador)



 **Atena**  
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C749	Conhecimento e diversidade em psicologia [recurso eletrônico] : abordagens teóricas e empíricas / Organizador Rui Maia Diamantino. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF. Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7247-732-1 DOI 10.22533/at.ed.321192319  1. Psicologia – Pesquisa – Brasil. I. Diamantino, Rui Maia.  CDD 150
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior   CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Esta publicação apresenta a diversidade da Psicologia não somente quanto ao objeto de interesses de pesquisa como, também, nas abordagens que embasam as investigações. Nesse sentido, a filosofia heideggeriana comparece com colaborações diversas tais como a filosofia em si e as questões contemporâneas articuladas ao âmbito do trabalho nas organizações. Quanto a estas, a discussão sobre o diagnóstico organizacional, presente em um dos estudos, faz o contraponto com o olhar fenomenológico, enriquecendo a discussão sobre a natureza do trabalho.

Verifica-se, também, a busca de embasamento em Piaget e Kohlberg, cada qual na sua perspectiva em torno do desenvolvimento moral. Visa-se, com isso, discutir aspectos da educação, sendo que, de Piaget e seus princípios da formação do pensamento, propõe-se uma discussão sobre o objeto abstrato da matemática.

A avaliação psicológica também é tratada aqui no campo do comportamento da estética cirúrgica buscando uma interface com a Medicina, qual seja, os aspectos psicológicos que estão implicados nos processos de mudanças da imagem corporal e a necessidade de avaliação prévia e *a posteriori* dos possíveis efeitos dos procedimentos cirúrgicos. Esse é um tema bastante atual e que abrange uma esfera multidisciplinar.

O estudo da infância e das políticas públicas também comparecem neste volume, propondo contribuições para a sociedade e a cidadania desde os anos iniciais dos indivíduos, centradas na importância do brincar (que é coisa muito séria na Psicologia). A Psicologia na educação é aqui considerada como capaz de produzir potência nos ambientes onde se processa o aprendizado, respeitando a condição da criança em seu desenvolvimento físico e mental.

A atuação hospitalar, vista como meio de atendimento humanizado e não apenas centrada no modelo biomédico, ou seja, visando os sintomas do corpo como indicativo de adoecimento, é discutida sob o ponto de vista de duas experiências que mostram a importância da subjetividade no campo do acolhimento em saúde. Em ambos os relatos, o atendimento hospitalar vai além do ponto de vista fisiológico da demanda hospitalar para focar as lentes sobre o sujeito que sofre, sobretudo psiquicamente.

Finalmente, destaca-se a contribuição sobre o conceito e a representação em ciência por estudantes que iniciam sua vida universitária, experiência colhida na Universidade de Buenos Aires. Trata-se de uma substancial discussão que traz aportes diversos e cotejos de caráter epistemológico a partir da questão sobre o que afinal, é ciência.

Com esta diversidade de temas, reafirma-se o caráter amplo da Psicologia, sua abrangência de saberes e práticas. Que essa diversidade possa ser de proveito ao leitor e à leitora deste volume.

Bons estudos, boa leitura!

Rui Maia Diamantino

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
COMPREENSÕES SOBRE O INFINITO MATEMÁTICO	
Cristina Cavalli Bertolucci	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923191</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
DEL CAMBIO CONCEPTUAL A LA RE-ESTRUCTURACIÓN REPRESENTACIONAL: ESTUDIO DE CASO A PARTIR DE LA NOCIÓN DE CIENCIA QUE POSEEN LOS INGRESANTES A LA UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES	
Mariela Genovesi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923192</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>29</b>
EXISTÊNCIA E FINITUDE DA MORTE COMO HORIZONTE DE SINGULARIZAÇÃO À TÉCNICA COMO FIM DO TEMPO	
Paulo Victor Rodrigues da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923193</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA E A DES-MEDIDA DO TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE	
Elina Eunice Montechiari Pietrani	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923194</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
MUDANÇAS DO COMPORTAMENTO EMPRESARIAL ATRAVÉS DO DIAGNÓSTICO ORGANIZACIONAL	
Diana Sara Soligo	
Jaqueline Paholski	
Jaqueline Samara Oliveira Alba	
Juliana Antônia Partichelli Santin	
Cristina Ribas Teixeira	
Nadine Teixeira Piloni Fabiani	
Patrícia Di Francesco Longo	
Gisele Maria Tonin da Costa	
Lisiane Borges da Silva	
Antoniéle Carla Stephanus Flores	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923195</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>60</b>
O BRINCAR NA PRIMEIRA INFÂNCIA E A SUA GARANTIA EM POLÍTICAS PÚBLICAS	
Caroline Marques da Silva	
Roseli Fernandes Lins Caldas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923196</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>75</b>
AMBIENTE SOCIO MORAL E A CONSTRUÇÃO DA MORALIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Heloisa Braga Santos Ana Cláudia Saladini	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923197</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>87</b>
A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA EM PACIENTES DE CIRURGIAS PLÁSTICAS: ESTUDO EXPLORATÓRIO COM PROFISSIONAIS DA ÁREA	
Gabriela Carolina de Assis Rodrigues Sandra Fernandes de Amorim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923198</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>110</b>
PSICOLOGIA DA SAÚDE: O ACOLHIMENTO HUMANIZADO NA SALA DE OBSERVAÇÃO DE UMA UNIDADE PRÉ-HOSPITALAR	
Cali Rodrigues de Freitas Cybele Carolina Moretto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923199</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>124</b>
EMERGÊNCIA PSIQUIÁTRICA: AS DIFERENÇAS ENTRE URGÊNCIA MÉDICA E URGÊNCIA SUBJETIVA	
Priscila Borges Lyons Rui Maia Diamantino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.32119231910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>136</b>
TERAPIA PERIPATÉTICA DE GRUPO: UMA SITUAÇÃO CLÍNICA	
Demétrius Alves de França	
<b>DOI 10.22533/at.ed.32119231911</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>139</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>140</b>

## EXISTÊNCIA E FINITUDE DA MORTE COMO HORIZONTE DE SINGULARIZAÇÃO À TÉCNICA COMO FIM DO TEMPO

**Paulo Victor Rodrigues da Costa**

O pensamento heideggeriano surge, em toda a sua potência, a partir de uma atitude muito própria da fenomenologia husserliana, qual seja, a de despir-se de qualquer gesto teórico que se interponha entre o fenômeno e o como de sua aparição. “Teórico” aqui significa predicação *aposteriori* de qualquer elemento que não seja dado pelo fenômeno em sua intuição originária. Esse gesto de aproximação em relação à essência do fenômeno tem como caminho possível a conhecida *epoché*: a suspensão de qualquer juízo sobre aquilo que se mostra, vislumbrando o fenômeno em seu puro mostrar-se eidético.

Sem esse procedimento de base, de origem husserliana, o trabalho de Heidegger de fato se torna incompreensível. Não pela sua linguagem a princípio estranha, mas pelo fato de seu trabalho ser nivelado a uma teorização comum ou por ser entendido como um “ponto de vista” particular. Portanto, acompanhar o pensamento de Heidegger envolve necessariamente ter a clareza quanto ao fato de o seu labor ser um desdobramento radical da tradição fenomenológica, principalmente no que tange à inserção no âmbito de um puro ver

fenomenológico.

*Ser e Tempo* se mostra como uma obra que põe em curso e radicaliza a orientação descritiva do ver fenomenológico. O ponto é que, se o trabalho de Husserl se orientava pelo interesse no estabelecimento de bases sólidas para conhecimento e para as ciências em geral, Heidegger busca, por meio de *Ser e Tempo*, tornar a existência humana translúcida a si mesma. O modo engenhoso como põe em curso tal empresa é um último empecilho que poderia afastar o leitor da riqueza de suas linhas. Por isso é importante a dedicação ao texto heideggeriano de modo a tentar revelar o simples que se esconde em meio à estranheza imediata que sua escrita impõe.

Em suma, é importante destacar a importância do gesto fenomenológico de abstenção de qualquer tese anterior ao dado intuitivo para que se possa compreender o empreendimento heideggeriano. No entanto, antes de desenvolver o tema do ser-para-a-morte, é relevante considerar a natureza do rompimento de Heidegger com a fenomenologia husserliana, pois tal rompimento revela o refugio de Husserl em relação a própria radicalidade de sua fenomenologia. Seguindo essa orientação é possível adentrar o pensamento heideggeriano em toda a sua ousadia, de modo que a noção



de ser-para-a-morte possa ser melhor explicitada.

Como já foi brevemente exposto, o trabalho husserliano se aproxima decididamente da teoria do conhecimento e da lógica pura, de forma que nunca se propõe a algo como uma interpretação da existência fática. Essa postura fica evidente e muito bem marcada quando, em diversos momentos de sua volumosa obra, Husserl enfatiza que a fenomenologia não se dedica ao dado psicológico empírico, mas à tarefa de “levar à clareza e distinção gnosiológica as ideias lógicas, os conceitos e os juízos, através da análise fenomenológica” (Husserl, p. 04, 2015). Desse modo, a investida husserliana na intuição e na busca pela essência daquilo que se revela como dado da experiência, possui muito mais uma orientação lógico-científica do que propriamente compromissada com a experiência concreta por si mesma. Essa postura de “descolamento” em relação à psicologia empírica é o que possibilita a meta de chegada ao *ego transcendental*, isto é, a uma total abstenção da consciência em relação ao seu próprio dado intencional empírico bruto, restando apenas seu conteúdo lógico puro. É justamente nesse ponto que reside o desvio heideggeriano em relação a fenomenologia husserliana. Heidegger percebe que não há possibilidade de desvincular a intuição original bruta da essência do fenômeno. A essência do fenômeno é o próprio dado intuitivo em seu caráter imediato fático. Por esse motivo a crítica heideggeriana ao ego transcendental de Husserl é tanto uma crítica à noção de ego e sujeito – como inclusive o próprio Heidegger se interpretou em *Meu caminho na fenomenologia* – como também uma crítica à miopia em relação ao abandono hermenêutico que esse ego transcendental denota. Nesse sentido, Gadamer é preciso na crítica direcionada a esse traço da fenomenologia husserliana:

O que está aí em jogo é a questão simples de saber se o mundo da vida como solo prévio de validade de toda imersão vital ingênua no mundo, por mais que seja colocado entre parênteses com a virada transcendental da reflexão, não continuaria se mostrando como o pressuposto para essa virada transcendental da reflexão. O que significa essa conexão entre a origem mundano-vital da reflexão e a constituição do mundo da vida no ego? A partir daí levanta-se a questão da inversão mundano-vital do direcionamento transcendental do próprio pensamento. (Gadamer, p. 221, 2012a)

Muito por conta da fuga em relação ao perigo do relativismo e do historicismo, Husserl rejeitou todo e qualquer traço epocal de seu pensamento, criticando inclusive Dilthey por tomar o caminho hermenêutico. No entanto, a crítica empreendida por Heidegger só é possível por meio de um questionamento fenomenológico radical que insere o dado intuitivo como voz do tempo. Dentro de uma crítica heideggeriana, um dado intuitivo bruto participa de uma semântica histórica que o possibilita, de modo que qualquer tentativa de saída desse horizonte mesmo é tida como uma artificialização do fenômeno. Categoricamente, todo fenômeno é sempre epocal. Com base nisso, Heidegger de fato reconhece no trabalho de Husserl um grande alcance, mas não radical e potente o suficiente quanto poderia sugerir que fosse. O

interessante no rompimento de Heidegger com a fenomenologia se dá pelo fato de ser um rompimento afirmativo em relação à própria fenomenologia, de modo que, em afirmando radicalmente o gesto de inserção no fenômeno, reconhece no próprio fenômeno sua semântica histórica de fundo. A partir dessa perspectiva, a conquista de um ego transcendental husserliano se revela como uma sanha bastante tradicional no Ocidente: a vontade de se ver livre do “inconveniente” do tempo. É justamente contra essa atitude da tradição que Heidegger se rebela, identificando seu mestre como realizador dessa mesma dinâmica costumeira no mundo ocidental.

Chega-se, nesse momento, a um dado importante: aquilo que retira Heidegger de um caminho estritamente fenomenológico é a visualização de que, no cerne de cada aparecer fenomênico, há sempre a voz da história. É por meio de uma radicalização da postura descritiva que é possível olhar para o fenômeno e identificar nele o seu próprio como hermenêutico. Esse como hermenêutico, à revelia do que Husserl gostaria de assumir, é parte inalienável do fenômeno. Essa é a grande novidade que Heidegger traz em *Ser e tempo*, dando forma ao tão comentado método fenomenológico-hermenêutico.

A princípio o que está sendo dito quando se insere o fenômeno nos átrios da história? O que significa olhar para o fenômeno e encarar nele conjuntura hermenêutica? Aqui é preciso fitar de forma um tanto quanto prosaica o termo “história”. Não é preciso, aqui, desenvolver os argumentos heideggerianos em torno da historiografia como cálculo decaído do tempo originário. A tarefa aqui é mais simples. História é um vocábulo que remete a tempo. Tal qual a onda que necessita do mar para ser onda, a história precisa do tempo para que ela ganhe alguma essência inteligível. Por sua vez, tempo só é tempo pois se orienta para o fim. O tempo só pode aparecer como algo sobre o qual falamos e entendemos na medida em que aquilo que ele indica é sempre o fim. Tempo é sempre tempo do fim. Isso perfaz o sentido de tudo que é temporal, qual seja, o de ser finito. Em suma, a historicidade hermenêutica do fenômeno indica o tempo, que, por sua vez, indica o fim. Portanto, é o caráter de finitude que essencialmente orienta Heidegger para fora da fenomenologia husserliana e o traz para o solo hermenêutico e para a ousada tarefa de escrever *Ser e tempo*, texto em cujo seio o existencial ser-para-a-morte desempenha papel fundamental pelo motivo acima exposto.

Pois bem, é chegada a hora de desenvolver como afinal se dá a estrutura ser-para-a-morte e como ela se relaciona a algo tão caro ao pensamento heideggeriano: o sentido. Posteriormente a essa indicação um último movimento será feito na direção de pensar não apenas o ser-aí humano como finito, mas o próprio aberto do aí como transitório. Essa última indicação fecha o presente texto.

No primeiro capítulo da segunda parte de *Ser e tempo* Heidegger se detém sobre análise do ser-para-a-morte como momento estrutural do ser-aí. A princípio ser-para-a-morte não significa que em algum momento futuro a existência terá fim, como se o ser-para-a-morte indicasse algo pendente e que teria lugar em um momento

futuro:

Recusou-se como inadequada a interpretação do ainda-não e com isso também do ainda-não extremo, isto é, do fim do ser-aí, no sentido do que está pendente. Isso porque essa interpretação implica um desvio ontológico do ser-aí para o ser simplesmente dado. Existencialmente, estar-no-fim diz ser-para-o-fim. O ainda-não extremo possui o caráter daquilo com que o ser-aí se comporta. Para o ser-aí, o fim é impendente. A morte não é algo simplesmente ainda-não dado e nem o último pendente reduzido ao mínimo, mas, muito ao contrário o impendente, iminente. (Heidegger, p. 32, 1988)

Como trecho explicita, o ser-para-morte ao invés de ser uma situação ôntica que, em acontecendo, traz o não mais existir ao ser-aí e que retira de sua existência as suas possibilidades de ser, seria pelo contrário um existencial fundamental que revela a cada vez que é sempre no horizonte da morte que a existência se dá. Quando Heidegger fala que a morte é impendente ele está dizendo que a morte já sempre esteve perto, afinando a abertura existencial do agora. Obviamente impendente não significa que todo ser-aí já morreu onticamente e que a existência é uma espécie de conto fantasmagórico. O impendente aqui significa que, no cerne ontológico da existência, é a morte que já sempre abriu a existência enquanto tal. Por isso impendente, pois a existência é um movimento aberto pela morte e para-a-morte, de modo que nunca é possível desvencilhar o ser-aí de sua relação íntima com a finitude que o caracteriza essencialmente. Por isso a morte nunca é pendente, pois ela já sempre esteve “aqui”, abrindo o ser-aí humano. Por isso soa estranho quando o próprio Heidegger chama esse gesto de “antecipador da morte”, é estranho porque não há nenhuma antecipação em jogo, mas o reconhecimento da morte no espaço do agora, por isso impendente.

Dito isso, é preciso rapidamente reconhecer como o ser-aí cotidiano lida com esse dado ontológico: basicamente ele é marcado pela característica de evitação. Sob o signo do “morre-se”, a existência cotidiana foge da centralidade da morte e a lança para frente, como um evento futuro despersonalizado. Esse modo de lidar com a morte é típico da tagarelice do impessoal: fala-se da morte escondendo seu teor ontológico-existencial, e por isso, fundamental. Ao se falar da morte, não se fala da morte evitando-a.

A análise desse “morre-se” impessoal desentranha inequivocamente, o modo do ser-para-a-morte cotidiano. Num tal discurso, ele é compreendido como algo indeterminado, que deve surgir em algum lugar, mas que, de início, ainda-não é simplesmente dado, não constituindo, portanto, uma ameaça. O “morre-se” divulga a opinião de que a morte atinge, por assim dizer, o impessoal. A interpretação pública do ser-aí diz: “morre-se” porque, com isso, qualquer um outro e o próprio impessoal podem dizer com convicção: mas eu não; pois esse impessoal é o ninguém. (Heidegger, p. 35, 1988)

O trecho destaca o modo como o caráter essencialmente finito do ser-aí torna possível o efeito curioso de lidar com a própria finitude na fuga mesma dessa experiência radical, isto é, de forma impessoal. A partir desse dado, como seria uma

experiência própria da finitude? A experiência radical da morte como um combustível sempre presente repercute de alguma forma na existência do ser-aí? Seguindo a lógica expositiva de *Ser e tempo*, Heidegger indica que a experiência genuína de ser-para-a-morte mostra ao ser-aí seu caráter de singularidade. Ser-para-a-morte revela ao ser-aí o seu traço de estrangeiridade, por isso, em meio a afinação da angústia, o reconhecimento da centralidade da morte pode inaugurar uma existência em sentido próprio, isto é, uma existência desimpedida de ser quem é por se dar sempre no horizonte de sua finitude.

Pode-se resumir a caracterização do ser que, existencialmente, se projeta para a morte em sentido próprio, da seguinte forma: a antecipação desentranha para o ser-aí a perdição no impessoal e, embora não sustentada primariamente na preocupação das ocupações, a coloca diante da possibilidade de ser ela própria: mas isso na liberdade para a morte que, apaixonada, factual, certa de si mesma e desembaraçada das ilusões do impessoal, se angustia. (Heidegger, p. 50, 1988)

O ponto principal é identificar esse dado fundamental da existência - o ser-para-a-morte - com a própria estruturação de sentido que marca a existência enquanto tal. Deter-se com a experiência da morte é deparar-se com o indeterminado, com o Nada, que já sempre precisou ser compreendido/interpretado para que a existência se afinasse segundo um sentido específico. É justamente a experiência radical de finitude que insere o ser-aí no auge de suas possibilidades de ser. Aqui há uma coincidência feliz entre duas acepções da palavra fim. Simultaneamente essa palavra denota o término, o limite de algo, perfazendo o próprio sentido aqui exposto de finitude, como também significa finalidade, no sentido de uma orientação, um norte para as ações em geral, inaugurando o *ethos* em sentido originário, isto é, uma retomada singular da existência impessoal. Portanto, fim significa tanto o impendente do término e do limite, quanto a finalidade sempre em jogo nas ações humanas. Não à toa o movimento de singularização acontece como um deter-se radical na experiência da finitude de modo que essa experiência mesma traga à tona um próprio, delineando ambas as acepções da palavra fim.

Nesse momento é preciso operar uma última indicação no caminho do pensamento de Martin Heidegger. Não é novidade a conhecida virada do pensamento heideggeriano. A partir da década de trinta, Heidegger imprime em seu pensamento uma transformação, qual seja, a de não centralizar seus esforços em torno do ser-aí singular, mas pensar a rearticulação do próprio horizonte histórico. Essa virada em seu pensamento se dá seguindo a radicalização do mesmo movimento que o levou para fora da fenomenologia husserliana, isto é, a partir de um acento cada vez maior ao caráter hermenêutico do aí. Esse acento torna a própria tematização da singularização do ser-aí humano irrelevante, o que importa realmente é pensar o como da rearticulação do aí que permeia o homem, entendido aqui como “habitante” da clareira do ser. Dito de outra forma, o fundamental agora é pensar o revolvimento do espaço que requisita o homem a ser o próprio que ele é, pois sem esse movimento

transformador do horizonte histórico o que ocorre, no fundo, é um assassinio silencioso do homem enquanto ente marcado pelo caráter de destinação temporal, de projeto ek-stático de ser.

Portanto, nessa fase do pensamento heideggeriano importa muito mais pensar o aí e sua transformação do que propriamente a singularização do ser-aí humano. O ponto é que a mesma dinâmica em jogo no processo de singularização do ser-aí, também é válida para a transformação do horizonte hermenêutico. O que se quer dizer com isso é que a experiência radical da finitude de toda e qualquer semântica histórica pode inserir o aí no auge de si como espaço da insuficiência de todo e qualquer fundamento.

Curiosamente Heidegger se refere à presente era – a era da técnica – como a era que marca o fim de um percurso histórico, chamado por ele destino do Ocidente. Pois bem, se a era da técnica marca justamente o fim de um projeto histórico, o que se tem hoje é justamente a indicação do tempo para aquilo do que ele mesmo é tempo, ou seja, do fim. Como foi visto no início do texto, todo tempo é tempo do fim, pois é o fim que dá ao tempo a sua essência. Portanto, o próprio da era da técnica consiste no convite mirá-la como era do vir a termo do fim, o que em essência aproxima de uma reinserção transformada na ordem do tempo, já que o fim em suas duas acepções reúne tanto a ideia de término quanto de retomada. No entanto, esse movimento de transformação não acontece de forma automática, como um trem que necessariamente chegará na próxima estação, restando ao homem apenas ficar sentado. A era da técnica, ou horizonte histórico do fim, exige do homem um saber vê-la como o fim que ela é. Essa visão abre a possibilidade de recomeço do aí histórico, isto é, do tempo. Em resumo, a equação é de certa forma é simples: do tempo ao fim e do fim ao tempo.

Dito isso, a importância de se perguntar pela era da técnica se dá em função de reconhecer nesse horizonte histórico o morrer fundamental que sempre marca abertura do aí. Dentro de uma interpretação heideggeriana, nenhuma outra época pôde indicar tão claramente esse fato: morte constitui a clareira do aí. Por conta disso, a conhecida citação ao poeta Hölderlin em seu verso “onde há perigo, cresce também a salvação” (Heidegger, p.391, 2012b) ganha aqui enorme relevância, pois, em se detendo na visão da centralidade da morte indicada pela técnica, o desabrochar do tempo no aí histórico se torna possível através do fim. O ponto é que a técnica, sendo essa marca histórica do fim, pode, em seu movimento destruidor, manter em seu gargalo o constante dizimar que a caracteriza. A “vinda” de uma retomada renovada do tempo no aí histórico não significa a espera tacanha por algum messias. Muito menos uma rearticulação do horizonte histórico como a entrega de uma época melhor e mais confortável para as pessoas. Na verdade, o verossímil seria o contrário: o colocar-se em questionamento essencial em relação à era da técnica como o horizonte hermenêutico do fim, traz, por meio dessa postura mesma, toda a penúria e sacrifício inerentes a essa visão fundamental. Em suma, a experiência radical da era da

técnica como indicação hermenêutica do fim permite a difícil decisão de existir entre escombros e fazer desse lugar a morada contemporânea, que talvez prepare para algo além de si mesma e que ela jamais saberá o que é. Nesse cenário, o necessário é abster-se da expectativa de uma retomada transformada do tempo no aí por meio de uma mirada que, em mirando, espera ver para além de si mesma, instaurando a medida do que não pode medir. Tal é a ingenuidade de tentar construir uma medida do tempo sendo essencialmente inscrição no tempo. Desta forma, é preciso saber fitar o escuro do fim indicado hermeneuticamente pela técnica, para, em penúria e sacrifício, instalar-se em meio ao impenetrável do tempo, salvaguardando a essência do homem como projeto de ser, como destinação.

Aos homens, o mistério inicial se mostra apenas no fim. Por isso, há no âmbito do pensar um esforço para pensar de modo ainda mais inicial o que foi pensado inicialmente. Isso significa a preparação sóbria para a admiração diante do chegar da madrugada. (Heidegger, p. 386, 2012b)

## REFERÊNCIA

GADAMER, H. *Hermenêutica em retrospectiva*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012a.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. *A questão da técnica*. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio e conferências*. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Universitária São Francisco, 2012b.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**Rui Maia Diamantino** - É graduado em Processamento de Dados pela Universidade Federal da Bahia (1979) e em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (2007). Tem experiência na área de Ciência da Computação, com ênfase em Arquitetura de Sistemas de Computação. Tem formação e experiência em teoria e clínica psicanalíticas. Exerce atividade clínica como psicólogo. É especialista em Teoria Psicanalítica, mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (2010), área de concentração - Psicologia Social e do Trabalho, linha de pesquisa - Cognição e Representações Sociais orientado pelo Prof. Dr. Marcus Vinícius de Oliveira Silva, doutor em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (2014), área de concentração - Psicologia Social e do Trabalho, linha de pesquisa - Indivíduo e Trabalho: Processos Micro-organizacionais, sob a orientação da Profa. Dra. Sonia Maria Guedes Gondim. É Professor Assistente da Universidade Salvador - UNIFACS, onde leciona disciplinas da graduação, desenvolve atividades de pesquisa e extensão universitárias e participa do Colegiado de Curso do Curso de Psicologia. Ensina a disciplina de Psicopatologia da Psicologia do Trânsito na pós-graduação *latu sensu* de Psicologia do Trânsito na FTC, Salvador, Bahia. Integra o núcleo docente estruturante (NDE) do curso de Psicologia da Faculdade Santa Casa, também em Salvador, Bahia. Tem artigos publicados em periódicos e capítulos de livros sobre clínica psicanalítica, psicologia organizacional, envelhecimento e psicossociologia.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ambientes sócio-morais 75, 76

Auto-estima 109

Avaliação psicológica 87, 88, 94, 96, 100, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109

### B

Brincar na primeira infância 60

### C

Cambio conceptual 14, 17, 18, 27

Cambio representacional 14, 17, 19, 20, 27

### D

Dasein 43, 45

Desenvolvimento do brincar 60

Diagnóstico organizacional 48, 49, 50, 53, 54, 57

### E

Epistemologia genética 1, 2, 3

### F

Finitude da morte 29

### I

Infinito matemático 1, 2, 3, 9, 12

### M

Martin Heidegger 33, 36, 37, 38, 42, 45, 46

Método clínico piagetiano 1, 4

### P

Peripatetic group therapy 136, 138

Psicologia fenomenológico-hermenêutica 36, 42

Psicologia hospitalar 110, 119, 122

### R

Re-estructuración representativa 14, 15

### S

Saúde mental no trabalho 47

### T

Therapeutic Accompaniment 136, 137, 138



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-732-1



9 788572 477321